

**A ARGUMENTAÇÃO EM CARTAS DE SUICÍDIO: ANÁLISES
TEXTUAL/DISCURSIVA E RETÓRICA SOBRE O AMOR COMO MOTIVO PARA
O SUICÍDIO**

**THE ARGUMENTATION IN SUICIDE WRITTENS:
TEXTUAL/DISCURSIVE AND RHETORICAL ANALYZES ABOUT LOVE AS A
REASON FOR SUICIDE**

Evandro de Melo Catelão¹

Resumo: *Este artigo trata de uma das análises realizadas em uma pesquisa de doutorado que tinha como foco o estudo linguístico das formas e processos argumentativos presentes em textos produzidos por suicidas. A tese foi voltada ao estudo dos campos de investigação textual/discursivo e retórico que contavam com poucos trabalhos anteriores. O corpus foi coletado, em sua maioria, em inquéritos policiais arquivados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (processos abertos entre os anos de 1890 a 1940). Criou-se um modelo de análise inspirado em análises realizadas por Jean-Michel Adam, alterando-se alguns pontos. Os limites da análise foram divididos nos planos textual/discursivo (direcionado à descrição de aspectos composicionais e provenientes das atividades sociodiscursivas da linguagem) e retórico (inseridos conceitos provenientes da Retórica e Nova Retórica com vistas às escolhas dos argumentos e às projeções ethos, pathos e logos). Desenvolveu-se o estudo sob a hipótese central de que o suicida, no limite de algumas crenças, elaboraria um discurso de relativa estabilidade e direcionado à exclusão social. O recorte aqui delineado aborda um dos casos em que a motivação para o suicídio apresentou-se relacionada ao amor como motivo para o suicídio em uma argumentação de ameaça de suicídio seguida de homicídio. A análise desse e dos outros documentos coletados permitiu demonstrar que esses textos se enquadram em um plano de representações construídas sobre ações em dois movimentos: escolha pela morte voluntária e elaboração de uma mensagem escrita, nem sempre centrada na apresentação de justificativas para o ato suicida.*

Palavras-chave: Argumentação; Produções de suicidas; Linguística textual.

Abstract: *This article is about one of a research analyzes in doctorate that was focused on the study of linguistic forms and processes present in argumentative texts produced by suicide. The doctorate thesis was devoted to the study was grounded on textual / discursive and rhetorical research fields which had little previous work. The corpus was collected, mostly in police investigations filed in the National Archives (Arquivo Nacional) in Rio de Janeiro (open cases between 1890 and 1940). An analytical model was developed inspired by analyses carried out by Jean-Michel Adam (ADAM, 2008 and ADAM, MAINGUENEAU & HEIDMANN, 2010), altering some points. The limits of the analysis were divided into two levels: textual / discursive and rhetorical levels. The textual / discursive level was directed to the description of compositional aspects from social discursive activities of language. In the rhetorical level, concepts were inserted from the New Rhetoric and Rhetorical in order to examine the choices of arguments and the ethos, pathos and logos projections. This study was carried out under the main assumption that suicide, on the edge of some beliefs, would draw a relatively stable speech towards social exclusion. The note outlined here addresses one of the cases where the motivation for suicide presented related to love as a reason for suicide of argumentation in a treat homicide followed by suicide. The analyses of these and some others documents collected were fitted in a plan of representations constructed on actions in two stages: the choice of voluntary death and preparing a written message, not always focused on presenting justifications for the suicidal act.*

Keywords: Argumentation; Suicide's Written productions; Textual linguistics.

¹Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil, e-mail: evandrocatelao@yahoo.com.br

1 Introdução

[...] O suicida desfechou um tiro que atingiu a mão direita de Zélia. Vendo-se ferida, correu gritando por socorro. Horácio, então, tentou novamente alveja-la. Como a arma tivesse falhado e vendo que não conseguia seu desejo, sentou-se em um canteiro do jardim, concertou a arma, encostou-a sobre o peito, desfechando um tiro, caindo quase que imediatamente, morto. [...] Nos bolsos das vestes do morto encontrei uma carta em que Horácio diz ter verdadeira paixão por Zélia e que não poderia, jamais viver sem ela; por isso resolvera mata-la e em seguida suicidar-se. O comissário do dia. (ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, T3 8ª pretoria 73 1052 – 1933 – Suicídio, folha 3)

Essa citação, retirada de um dos inquéritos consultados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, expõe parte de um contexto de produção e elementos que, em muitas visões, mais parecem extraídos de um romance ou conto policial. No entanto, expressa um fato da realidade que é rodeado por um universo de crenças em relação ao ato suicida e ao próprio produto que o antecede e que, nesse caso, é identificado como uma carta. Essa carta, na mesma citação, conduz a resposta a um dos questionamentos mais recorrentes no imaginário social, o porquê da opção pelo suicídio. No que seria uma leitura do documento pelo comissário, uma resposta: “diz ter verdadeira paixão por Zélia e que não poderia, jamais viver sem ela”.

Nesse mesmo imaginário, outro questionamento recorrente fica por conta do por que escrever algo a respeito dessa escolha. Seria uma maneira de se justificar ações, despedir-se, ou desabafar? Mesmo sem se ter a princípio uma resposta exata, é certo que a produção de um suicida, em certos contextos, é considerada uma prova do ato (excluindo a hipótese de homicídio), ou um ponto de partida para o esclarecimento das motivações para o suicídio. A situação de produção que rege a escritura de uma carta ou bilhete de suicídio – como é socialmente denominado, na maior parte das vezes, esse tipo de documento – é recorrente em outros casos que envolvem a escolha pela morte voluntária, tanto por sua estrutura quanto pela imagem de si construída discursivamente, expressando, também, um conjunto de crenças.

Nesses limites, qualquer discurso como fonte de produção de significado pode ser observado em sua cena de realização, visto como parte de uma rede na qual outros discursos aparecem correlacionados. Então, as formas de análise do que é produzido devem considerar aspectos que conferem a um enunciador, sujeito empírico ou projetado, dotado de conhecimentos únicos, caracteres de um produtor instável que vai trazer em seu discurso conhecimentos que são partes de uma espécie de configuração sócio-histórica, mantida (ou não) em formatos estáveis (ou não) de textos. Por outro lado, cada interação, cada tipo de

coenunciador despertará no sujeito/produtor diferentes expectativas, diferentes procedimentos, diferentes escolhas textuais e discursivas de revelação de um eu, de uma situação discursiva e de um discurso próprio.

Nesse ponto, situa-se o interesse pelo estudo dos textos produzidos por suicidas, ressaltando-se as lacunas existentes e a verificação de que, apesar de serem recorrentes, são documentos pouco estudados. Isso decorre pelo tipo de situação sociocultural e discursiva em que são produzidos, o que resulta em muita resistência, prejulgamentos, delimitações éticas, limitações sociais e jurídicas que dificultam sua pesquisa. Na área de linguagem, estão ausentes trabalhos sobre produções textuais de suicidas, mesmo que possam colaborar com estudos interligados a outras áreas do conhecimento humano, como os realizados pela psicanálise, pelas ciências comportamentais e pela Sociologia. São textos/discursos particulares que impõem empiricamente uma aparente impossibilidade de contrarresposta direta por parte do coenunciador. São produzidos nas mais diferentes culturas e com as mais diferentes crenças expressas em proposições que explicitam, a princípio, os motivos e/ou as intenções da escolha pela morte autoinfligida.

O *corpus* que fez parte da pesquisa, em sua maioria, foi coletado em inquéritos policiais arquivados no Arquivo Nacional da cidade do Rio de Janeiro (ANRJ) e uma ocorrência no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (ocorrido no ano de 1954). Dentre os inquéritos do ANRJ, apenas foram encontrados disponíveis para consulta e divulgação processos abertos entre os anos de 1890 e 1940. Um exame preliminar revelou que o *corpus* abrange diferentes suportes, alguns talvez correlatos ou que são parte de outro gênero ou subgênero de discurso.

Toda a problemática do trabalho (preocupada com o exame da argumentação por aspectos composicionais e estratégias retóricas) concentrou-se na utilização de conceitos provenientes de pontos da Linguística Textual (análise textual/discursiva baseada em ADAM, 2008) delineados em complementaridade com tópicos da Retórica/Nova Retórica (acordos, técnicas argumentativas e conceito de *ethos*).

A hipótese central do trabalho circula em torno da possibilidade dos textos produzidos por suicidas apresentarem relativa estabilidade composicional, tanto pelo campo textual (base sequencial argumentativa) quanto discursivo (direcionamento do suicídio como um fator de exclusão social, justificativa das ações suicidas e apresentação da motivação para o suicídio).

No texto escolhido para fazer parte da análise, serão traçados parte desses aspectos em conformidade com os resultados da pesquisa como um todo. O documento escolhido foi

apresentado no capítulo que aborda os textos que tinham o amor como argumento para o suicídio. Trata-se de um caso de tentativa de homicídio seguida de suicídio e que as descrições encontradas no inquérito abrem a introdução deste artigo.

As análises desse documento em complementariedade com as análises dos outros documentos coletados demonstraram que os conceitos selecionados da retórica propiciaram uma descrição discursiva bem mais evidente do que se fosse feita a opção apenas pelos aspectos textuais que primeiramente teriam sido alvo único da pesquisa. Por outro lado, o estudo dos aspectos composicionais propiciaram a visualização e elaboração de um quadro segundo o motivo para o suicídio ou para a escritura dos documentos. Nesses limites, foi possível traçar para as análises uma divisão entre os motivos apresentados para o suicídio, para a escritura dos documentos ou outro, revelando pontos de vista desses sujeitos em relação ao suicídio.

2 Argumentação suicida: limites de uma análise textual/discursiva e retórica

Somos donos de nossas vidas? Essa é uma questão que vem sendo discutida há muitos séculos pela humanidade e está profundamente ligada ao valor que se dá à vida. Trata-se de um tema frequente, presente na literatura, em situações cotidianas, nas crises de existência, em situações em que todas as esperanças parecem perdidas, ou no sentimento humano de se ver ou querer se ver na vida do outro. Viver é, então, para alguns uma tarefa, não muito simples, de confronto de escolhas e possibilidades, sabendo que cada uma delas desencadeará uma série de consequências que levarão a autoquestionamentos a respeito do real sentido da vida, ou se realmente a vida faz sentido, sentido este que, às vezes, por alguma razão, acaba expresso em formatos textuais escritos específicos (diários, cartas pessoais, letras de música, poemas, entre outros).

Nas ações do dia a dia, são creditadas todas as esperanças no que se imagina ser o sentido da vida, regulam-se ações, estipulam-se metas e se aprende a lidar com vitórias e fracassos que modelos de comportamento social pré-definiram e, com base neles, o sujeito posiciona-se frente ao que é imposto diariamente. Olhar para a vida e para a morte envolve tanto atitudes e posicionamentos ou pontos de vista recorrentes, compartilhados quanto singulares, únicos. A partir do momento em que alguns sujeitos definem o fim de sua vida como melhor caminho, eles chegam ao mais difícil de ser descrito e mais polêmico dos atos, o ato suicida.

2.1 Suicídio e discurso

Não há dúvidas de que o suicídio provoca o imaginário das pessoas em muitos aspectos, estando em função do tempo e da sociedade aliado a inúmeros valores, crenças e fatos, que fazem com que seja considerado uma prática aceitável, uma conduta necessária em situações específicas, ou ainda um motivo de preocupação. Nesse último e mais representativo eixo, é visível o desconforto em relação ao suicídio, em função principalmente da prática de a morte voluntária afetar o organismo social, demonstrando certa fragilidade e incapacidade do homem visto que se desconhece boa parte de suas causas e motivações. Fruto de atividades ou ações sociais, o suicídio condensa um sentido de reprovação, principalmente nas culturas ocidentais, marcadas por dogmas cristãos em que a vida é tida como um dom divino e que somente pode ser tirada por uma força também divina. Pode-se admitir nessa apresentação geral uma série de pontos de vista que podem ser assumidos pelos sujeitos em função do valor que atribuem à vida humana, delimitados argumentativamente por proposições formadoras da visão que se tem do suicídio na sociedade atual.

Quanto a esses aspectos formadores dos pontos de vista dos sujeitos, Agrest (2010) apresenta aqueles relacionados à economia, ao avanço da ciência e à desmistificação da fé. Nessa disposição dos fatores, o sentido atribuído à vida sofre variação segundo a noção de produtividade admitida hoje e a que era admitida no passado. Aliado aos avanços tecnológicos, da ciência e da medicina, esse novo sentido tirou a visão natural da morte e esta passou a ser julgada com base na luta contra enfermidades crônicas e enfermidades terminais, as últimas consideradas “batalha perdida”, fazendo com que a vida perdesse seu valor, ou que as pessoas perdessem a fé na vida, à medida que a morte era vista como inevitável. Seguindo o que afirma Agrest (2010), para o ato suicida, a minimização da morte se expressou em quatro práticas sociais: a) primeiramente pela incorporação do sentido de morrer como um ato sem grandes consequências. A morte se impõe assim como a vida e o sujeito pouco a pouco fica seguro sobre a decisão da morte voluntária; b) pela separação entre vida e morte – a morte que era sagrada, designada por Deus, passa a ser sinônimo de fracasso na sociedade da produção. Derrotada pela medicina, na sociedade do consumo, a morte é vista como penosa e antiestética para uma sociedade hedonista e ligada à imagem, à beleza, arrogantes frente à realidade da morte; c) relacionada ao tópico anterior, a dessacralização da morte ocorre pela mudança de valores em relação ao passado. Ao novo padrão de sociedade, menos voltado aos valores religiosos, a morte não é mais tida como vontade de Deus; d) por fim, acreditar que a morte não existe (negação da morte). Neste caso, há uma espécie de simplificação da morte e

ampliação do sentido de matar/morrer como um ato merecido, em que matar ou se suicidar pela crença de se estar fora dos modelos sociais existentes é perfeitamente aceitável ou uma lei maior.

A título de exemplo, para outras culturas menos ocidentalizadas nesses aspectos, como citado no início dessa seção, os pontos de vista e comportamentos discursivos dos sujeitos suicidas são expressos segundo leis e tabus que caracterizarão o suicídio com base no abandono do sentido atribuído à nossa própria existência e revelado por fundamentos históricos e culturais.

Nesse sentido, segundo Agrest (2010), toda referência ao suicídio entre esses indivíduos reflete atitudes e incômodos sociais inerentes a cada época e à sua cultura. No oriente, por exemplo, a prática da morte voluntária era vista como nobre. No *harakiri*, a desonra de um guerreiro samurai o condenava à morte em plena subordinação ao amo. Na mesma cultura, em uma ordenação social mais recente, principalmente no grupo masculino, a desonra reflete-se em uma atitude similar como uma adaptação ao modelo produtivista das últimas décadas em que não é admitido fracasso profissional. Outras culturas na Oceania e África viam o suicídio de maneira diferente das culturas orientais. Para os hindus não se tratava da subordinação do guerreiro ao amo, mas da esposa ao marido pelo *suttee*, demonstração do amor conjugal, mas também, por outro lado, aliada à miserável condição social da esposa após a morte do marido.

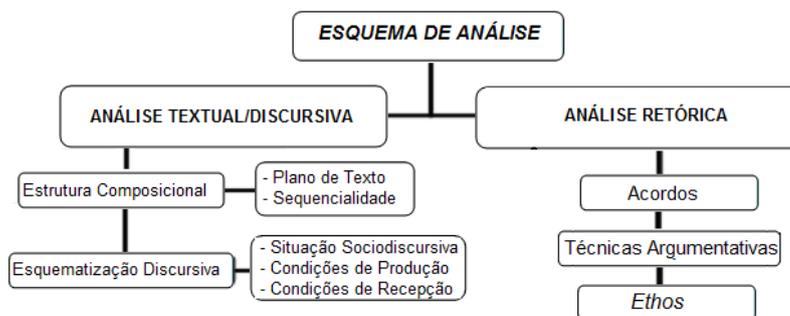
Como parte da conduta sócio-histórica dos sujeitos, esse histórico de valores e crenças gerou parte do que é admitido hoje e do que se acredita ser socialmente aceitável ou não em relação à morte voluntária. Diferentemente do local de ocorrência e dos princípios culturais formadores dos pontos de vista do suicídio para os sujeitos, a morte voluntária, grosso modo, constituiu-se um tabu e motivo de preconceito na sociedade contemporânea globalizada. Um ato, no consenso geral influenciado por dogmas religiosos, castigável, incompreendido, e que denota parte da incapacidade dos sujeitos frente à morte autoinfligida. Nos poucos casos em que o suicídio assume sentido próximo aos modelos do passado, como, por exemplo, meio de resgate da honra, sua acepção alterou-se consideravelmente junto aos ideais modernos, sinalizando uma luta contra os modelos da cultura de massa. O homem bomba é um exemplo de suicida que tem se tornado mais frequente, um indivíduo que se revolta contra um grupo de pessoas, ou um país, representando um ideal que o leva a oferecer a própria vida, um neomodelo kamikaze motivado pela fé e pela intolerância. Estão também cada vez mais frequentes notícias, em diferentes países como Alemanha, Estados Unidos e até mesmo no Brasil, de jovens e adolescentes que têm se envolvido em massacres em série seguidos de

suicídio em instituições escolares e pontos de aglomeração de jovens, além da propagação de comunidades em redes sociais que propõem massacres seguidos de suicídio sob o *slogan* “Eu não pertenço a este mundo”, ou correlacionados². No regime de leis, tradições eclesiásticas e provenientes das constituições socioeconômicas pós Idade Média passaram com o tempo à tradição legislativa do Estado, o que levou mais tarde a não conceituar o suicídio e a tentativa de suicídio como crime.

2.2 Análises textual/discursiva e retórica

Em todos os momentos, teve-se dúvida quanto ao modelo de análise que pudesse dar conta do *corpus* e, ao mesmo tempo, abarcar questões de interesse da pesquisa de doutorado que foram delineadas e organizadas pelos fundamentos teóricos. As premissas identificadas nas primeiras observações do *corpus* permitiram escolher e delimitar limites em que se acreditou ser representativa uma análise textual/discursiva e retórica.

Criou-se com base nessas observações um modelo de análise inspirado em análises realizadas por Jean-Michel Adam (ADAM 2008 e ADAM, HEIDMANN & MAINGUENEAU, 2010), alterando-se alguns pontos. Dividiram-se, por exemplo, os limites da análise em dois planos, textual/discursivo e retórico. No textual/discursivo, direcionou-se à descrição de aspectos composicionais e provenientes das atividades sociodiscursivas da linguagem. No retórico, inseriram-se conceitos provenientes da Retórica e da Nova Retórica com vistas às escolhas dos argumentos e às projeções *ethos*, *pathos* e *logos*. Conforme a seleção do quadro teórico, criou-se um esquema de análise (esquema 1, abaixo), sob duas projeções complementares: a textual/discursiva e a retórica, retomadas e articuladas em uma tentativa de estabelecer um quadro de reflexão sobre o *corpus* coletado.



Esquema 1: esquema de análise

² Esse *slogan* apareceu na maioria das pesquisas realizadas em algumas comunidades virtuais na época de coleta dos documentos, sendo também observada a política em alguns *sites* de excluir essas comunidades (comunidade em www.orkut.com > [Início](#) > [Comunidades](#) > [Outros](#), acesso em 30/04/2012).

O esquema foi desenvolvido por uma união de campos de análise complementares: um textual/discursivo (ADAM 2008 e ADAM, HEIDMANN & MAINGUENEAU, 2010) e outro de análise retórica com incorporação do conceito de acordo da Nova Retórica e de *ethos* para a Retórica Clássica, aproximando em complementariedade esse conceito ao de *ethos* discursivo de Maingueneau (sem adentrar na AD). No quadro, utilizou-se o modelo de Adam (2008), adotando-se uma organização da análise que torna o campo discursivo e o textual como complementares.

Assim, no que abrange uma análise textual, descreveram-se, dentro do *corpus* colhido, aspectos de sua estrutura composicional com base na sequencialidade dominante e sua combinação em planos de texto e, por fim, a explicitação do processo de esquematização discursiva. Após essa seleção, adicionaram-se às análises algumas noções da Retórica e da Nova Retórica para o campo da argumentação, que, em última observação, tornaram-se reveladoras para a análise discursiva.

Para Adam (1999), seria dentro das práticas sociodiscursivas, ou seja, em um contexto de interação, envolvendo atividades discursivas entre os falantes/produtores e os ouvintes/interpretadores que os gêneros estariam manifestos³. Nessa projeção, na delimitação da noção de gênero, o autor se utiliza do conceito de formação discursiva, formulado inicialmente por Foucault e reformulado por Pêcheux para a AD. As formações discursivas seriam posições político-ideológicas presentes entre as classes sociais, não compostas por indivíduos, mas de formações manifestas em relações de domínio ou aliança, estritamente dominada pelo interdiscurso. Adam (2008) afirma que há ligação entre as formações sociodiscursivas e os gêneros presentes na perspectiva de Pêcheux. Citando Karlheinz Stierle (1977), Adam (2008, p.45) afirma que nos gêneros de discurso⁴ estariam as “estabilizações públicas e normativas”, caracterização formal dos discursos em profunda interação, operando em um quadro de sistema de gêneros de cada formação discursiva.

Na análise voltada à questão discursiva, pretendeu-se demonstrar, com base nos pressupostos a respeito dos gêneros e das instituições do texto, que a enunciação do suicida estava ancorada em encadeamentos argumentativos mais ou menos estáveis, com o objetivo de construir uma realidade com vistas a justificar o ato. Tem-se, em linhas gerais, um

³ A definição de gênero de Adam (1999) parte do que é discutido por François Rastier, aproximando o gênero ao discurso.

⁴ Salienta-se a distinção gênero do discurso e gênero de discurso. O conceito de “gênero de discurso” utilizado por Adam (2008) é discutida por Bronckart (2009, p.141) que afirma que ao transformar a noção de “gênero do discurso” para “gênero de discurso” para designar as diferentes espécies de textos atestáveis, Adam anula a distinção de nível ou ordem do programa de Volochinov entre o agir linguageiro (ou discurso) e o texto. Dessa forma, Adam acaba fazendo uma “correspondência biunívoca entre espécies de discursos/atividades e espécies de texto”. Apesar dessa ocorrência, tal observação não anule o trabalho de Adam.

enunciador em uma situação de produção específica, que define seu discurso e ponto de vista, mune-se de argumentos que são fruto de suas crenças e produz uma interlocução final, com uma intenção discursiva característica e que também suscita uma definição e delimitação particulares.

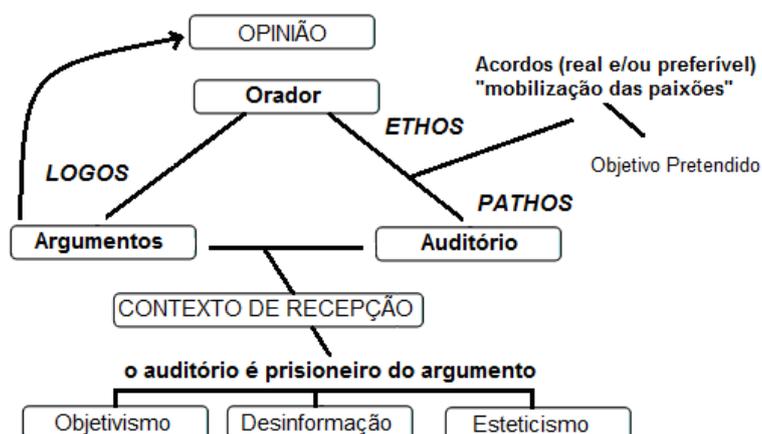
A análise retórica contou com a integração de conceitos da Retórica e Nova Retórica. No que se refere ao acordo e ao estabelecimento do discurso frente aos tipos de argumento, utiliza-se Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) em diálogo com o que discute Reboul (2004) e alguns comentários de Breton (2003; 1999). Vale ressaltar que o que é discutido por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) e Reboul (2004) não foi primeiramente delineado com vistas ao tipo de análise proposto neste estudo, mas direcionado aos discursos jurídico e filosófico. Contudo, o “*Tratado da Argumentação*” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996) é uma obra que se tornou clássica e uma síntese do pensamento aristotélico ao falar da argumentação sob fins analíticos, sendo uma referência no assunto e podendo ser adaptada a diferentes áreas de estudo da argumentação e à descrição de um *corpus*. Abriu-se, em seguida, um prolongamento das análises com a utilização do conceito de *ethos* delineado com base na Retórica Clássica, aproximando em sentido de complementaridade ao que discute Maingueneau (2005; 2006) a respeito do *ethos* discursivo, buscando caracterizar o tipo de discurso e o suporte utilizado, assim como dados relativos à enunciação.

A inserção da argumentação como foco de pesquisa implica paralelamente em conceituar parte do sistema retórico e, sobretudo, partes das mudanças desse sistema, o que se torna uma tarefa complexa, pois implica fazer referência a uma série de valores temáticos que, em seu sentido geral, agrupam-se em torno do sentido atribuído ao discurso. Nela, não apenas se propõe aderir a uma opinião a toda prova como também informar, modificar um ponto de vista ou até mesmo uma visão de mundo, ou partes dessa visão, e compartilhar uma ou mais teses em razão dos dados ou premissas cuidadosamente escolhidas para serem apresentadas. Nessa direção, aplica-se ao exame retórico do texto de suicida o conceito de argumentação apresentado por Breton (2003, p.35). Para o autor, argumentar significa “agir sobre a opinião de um auditório de maneira a desenhar um vazio, um lugar para a opinião que o locutor lhe propõe. No seu sentido mais forte, argumentar é construir uma interseção entre os universos mentais nos quais cada indivíduo vive”.

Ao se incorporar essa visão da argumentação segundo Breton (2003), incluem-se também, para a visualização do *corpus*, três pontos considerados pelo autor como essenciais e que permitem definir o campo da argumentação partindo do que concebia a Retórica Clássica. No primeiro deles, considerar que argumentar equivale a comunicar, o que implica levar em

conta orador, auditório e mensagem; em segundo lugar, observar que argumentar não é convencer a qualquer preço, o que implica romper com a retórica, pois ela não economiza meios para persuadir, tornando necessário buscar respaldo em teorias auxiliares, como a Nova Retórica; em último lugar, estar ciente de que “argumentar é raciocinar, propor uma opinião aos outros, dando-lhes boas razões para aderir a ela” (BRETON, 2003, p.26).

Pensando nesses limites, a teoria da argumentação nesses moldes volta-se aos participantes do discurso e a outros elementos (técnicas) do contexto de produção, assim como desenvolvem Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996). Discutindo a questão, Breton (2003) apresenta um esquema, que aqui foi adaptado relacionando os conceitos apresentados pelo autor com a categoria de acordo e técnicas de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), como abaixo (esquema 2). Nesse esquema, sistematiza-se uma situação argumentativa de produção, relacionando os elementos retóricos/discursivos a serem utilizados nas análises. Trata-se de uma maneira de visualização dos polos acionados no momento do estabelecimento do discurso e que, em linhas gerais, situa os objetos em discussão e auxilia na própria elaboração de um quadro argumentativo retórico das produções de suicidas (acordos, argumentos, *ethos*, *pathos*, ponto de vista, entre outros). No esquema, as atividades se concentram em torno do orador, seu auditório e os argumentos que direcionarão a tese principal (parte central do triângulo). O orador constrói uma imagem de si (*ethos*) e uma imagem do auditório (*pathos*), as quais propiciarão maior chance de adesão a sua opinião, transmitida a fim de “mobilizar as paixões” do auditório, seduzi-lo (realização do acordo), de forma que compartilhe da tese, por uma escolha sistematizada de argumentos (dados e proposições) com o objetivo de atender às intenções da produção do discurso, ou objetivo discursivo visado. No contexto de recepção criado, tem-se o modo de aprisionamento do auditório à tese, marcado pelos argumentos em função de um discurso objetivo, e/ou baseado na desinformação e/ou esteticismo.



Esquema 2 – Limites da argumentação - adaptado de Breton, 2003, p.53.

O esquema acima, adaptado do esquema de Breton (2003, p.53), apresenta a argumentação como uma atividade humana estritamente relacionada à ação de convencer ou compartilhar uma ideia, levando outrem à adoção da opinião pela escolha dos argumentos, estabelecimento de um acordo e das figuras de *ethos* e *pathos* criadas. Aponta para a possibilidade de aprisionamento pelo discurso, em que convencer pode também assumir uma perspectiva alternativa ao uso da força física como forma de adesão e sedução, por motivação implícita, sem que o coenunciador se dê conta, ou seja, por manipulação. A opinião, para Breton (2003), apresenta um sentido forte, pois seria representada por crenças que guiam as ações dos sujeitos, fazendo com que assumam determinadas condutas e organizem-se em grupos que compartilhem de uma mesma opinião. Em um paralelo com o que foi discutido no capítulo anterior, a opinião equivale ao ponto de vista (PdV) dos sujeitos, ou responsabilidade enunciativa pelo enunciado. Na maioria das situações de produção, a adesão do auditório ao PdV do orador é o objetivo do discurso.

Seguindo o mesmo esquema, destaca-se que o *ethos* (caráter), *pathos* e *logos* são determinados, segundo a concepção de Aristóteles, pela escolha do gênero (judiciário ou *forense*, deliberativo, epidíctico), sendo instaurados como argumentos da persuasão:

Há três tipos de meios de persuasão suprimidos pela palavra falada. O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a certa disposição de espírito; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar. (ARISTÓTELES, 2011, 1356a, p.45).

Complementando essa ideia no esquema 2, o *ethos* e o *pathos*, segundo Reboul (2004), são de ordem afetiva e o *logos* de ordem racional. O *ethos* deve inspirar confiança no auditório, pois, por mais contundentes que sejam os argumentos do orador, ele não provocará adesão sem confiança. O *pathos* diz respeito às emoções e sentimentos que o orador deve despertar em seu auditório pelo discurso. Por fim, o *logos* diz respeito à argumentação do discurso.

Tanto do ponto de vista do discurso quanto da retórica, o ato de argumentar exige a consideração do outro, do contexto de recepção estabelecido pela seleção de acordos entre o orador e seu auditório, este último aprisionado aos argumentos do orador. Trata-se, portanto, de dar atenção às proposições prévias presentes na argumentação, sem as quais não seria possível estabelecer o discurso:

Esse acordo tem por objeto ora o conteúdo das premissas explícitas, ora as ligações particulares utilizadas, ora a forma de servir-se dessas ligações; do princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.73).

Esse direcionamento de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) tem em vista o pressuposto de que todo discurso sempre se destina (tem em mente) a um sujeito empírico, que poderá aderir, não aderir, ou aderir em parte a uma tese proposta em função dos argumentos utilizados pelo orador. Reoul (2004), nesse sentido, estabelece uma distinção do auditório a considerar: em primeiro lugar, seu tamanho (um indivíduo ou toda a humanidade); depois características psicológicas e fisiológicas (idade, sexo, profissão, aspectos culturais); em terceiro lugar, a competência do orador em dirigir-se ao auditório com uma imagem adequada de si, tanto por seus conhecimentos quanto pelo nível de argumentação e vocabulário adequado à situação de discurso; e, por último, a inserção de uma ideologia. Todas essas características levarão ao que é expresso como acordo, ou o entendimento mínimo entre o orador e o auditório, que servirão de alicerce à trama argumentativa. Sem um acordo comum, o discurso se impõe em meio à violência ou ignorância.

Pode-se objetar que é difícil interpretar um discurso quando se ignora o acordo prévio que ele pressupõe. Mas esse acordo é revelado pelo próprio texto: pelo não-dito, pela ausência das provas que seriam de esperar, por suas fórmulas estereotipadas, alusões, expressões como: ‘é certo que’, ‘todos sabem’, ‘deve-se admitir’, etc. Também neste caso o texto explica o texto. (REBOUL, 2004, p.143).

Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), os acordos, que podem servir de premissas ou ainda ser o objeto de crença ou adesão frente ao auditório, são divididos em duas classes, a do **real** e a do **preferível**. A classe dos acordos relacionados ao real compreende os fatos, as verdades e as presunções, orientadas para um auditório universal⁵; a relativa ao preferível comporta os valores, as hierarquias e os lugares do preferível, sendo direcionada ao que se

⁵ O auditório universal, segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p. 37), corresponde a um número de participantes discursivos que apresentam um perfil semelhante e que, dessa forma, compartilham também um determinado ponto de vista facilmente identificável pelo orador como os indivíduos que compartilham de uma mesma nacionalidade, toda a humanidade, os homossexuais, entre outros. “O auditório universal é constituído por cada qual a partir do que sabe de seus semelhantes, de modo a transcender as poucas oposições de que tem consciência”.

admite como um auditório particular⁶. É importante destacar que tanto os acordos do real quanto do preferível correspondem, na argumentação, às premissas expostas que serão direcionadas/escolhidas segundo as necessidades da situação de produção, podendo ou não aparecer explicitamente. Primeiramente, o acordo envolverá o que é posto como real (fatos, verdades, presunções de verdade) que sustentarão a argumentação e, em um segundo momento, o que é preferível, ou seja, o universo de valores, hierarquias e lugares que envolvem os argumentos (COSTA, 2009).

3 Análise: A argumentação pela ameaça de homicídio seguida de suicídio

Na introdução do artigo, apresentou-se como hipótese central da tese uma relativa estabilidade composicional guiada em torno dos motivos para o suicídio. Tendo em vista este aspecto, os documentos a seguir expõem traços da opção por morte voluntária atrelada à crença do amor não correspondido e ligado ao sentido de ingratidão, pela argumentação de autor empírico do sexo masculino, permitindo traçar um perfil particular de *ethos*: o homem, de meia idade, casado e com filhos que se relaciona com uma mulher mais nova.

Em T3A⁷ e T3B, tem-se novamente a característica da subdivisão do documento, aqui em duas cartas com fechamento e assinatura, referindo a dois momentos de produção distintos, mas interligados e sem uma marcação da seção de abertura. Nesse caso, a situação sociodiscursiva de produção volta-se a dois escritos nos quais a intenção discursiva seria declarar/explicitar os motivos e intenções atreladas à prática do suicídio. Os dois documentos apresentam datas diferentes de produção, 4 de dezembro de 1933 (T3A) e 19 de setembro de 1933 (T3B), que, apesar do espaço de tempo, se comutam em partes de um mesmo conteúdo proposicional, conforme segue já com a divisão de sua estrutura segundo princípio traçado na disposição (*taxis*) pela retórica:

T3 8ª pretoria 73 1052 – 1933 – Suicídio. Caracteriza-se por duas cartas escritas por Horácio Gonçalves Vianna, casado, 43 anos de idade, que, segundo ele, mantinha relação extraconjugal com Zélia Del Giudice (20 anos de idade, solteira – citada na carta). Horácio tentou matar Zélia quando ela atravessava o jardim de sua residência e suicidou-se a seguir. O inquérito aponta para morte por projétil de arma de fogo “como a arma

⁶ Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p.34) definem o auditório particular como qualquer indivíduo ou pequeno grupo de indivíduos cujas atitudes são conhecidas pelo locutor. “O indivíduo que delibera ou o interlocutor do diálogo podem ser percebidos como um auditório particular, cujas reações conhecemos e cujas características somos ao menos capazes de estudar”.

⁷ Na tese, os textos foram organizados pela inicial T seguida do número de ordem da transcrição do documento. Nos documentos em que havia mais de uma composição, como T3, foi acrescentada uma ordenação alfabética conforme cronologia apresentada ou identificada de cada texto. Antecedendo cada transcrição, acrescentou-se uma contextualização de cada documento, conforme dados encontrados nos inquéritos.

tivesse falhado e vendo que não conseguia o seu desejo, sentou-se em um canteiro do jardim, consertou a arma, encostou-a sobre o peito, desfechando um tiro, caindo quase que imediatamente, morto” (folha 3). As cartas foram encontradas no bolso do suicida “No bolso das vestes do morto encontrei uma carta em que Horácio diz ter verdadeira paixão por Zélia e que não poderia, jamais viver sem ela; por isso resolvera mata-la e em seguida, suicidar-se. O comissário do dia:-Savio Magioli” (folha 3). As cartas encontradas expõem o descontentamento de Horácio que ao ser abandonado por Zélia decide pelo homicídio da amante seguido de suicídio. As cartas aparecem dispostas em meia folha de papel almaço somando seis faces. A primeira na folha 19 do inquérito datada em “4/12/933” (4 de dezembro de 1933) e a segunda na folha 20 em “29/11/933” (29 de novembro de 1933), estando, portanto, anexas no inquérito em ordem decrescente de data de produção. Apresenta-se para a análise a disposição cronológica.

Documento 1 (T3A), folha 20

<ABERTURA>

<EXÓRDIO>

<NARRAÇÃO/CORPO DA ARGUMENTAÇÃO> [1]Uma verdadeira loucura motivada por uma paixão louca e cega por esta pobre e infeliz Zélia, a quem o destino nos fez conhecer para ao fim de 2 anos terminar-mos tão tragicamente e além de a deshonrar ainda pagou injustamente com a vida, pois eu só a mato por saber que a própria mãe está espalhando a difamação de sua própria filha commigo, em lugar d’ella procurar abafar para evitar chegar ao conhecimento não só do próprio pae como do Julio, pois sendo elles conhecedores só poderá resultar o escândalo bem como a desgraça não só da própria filha ser assassinada e eu também ou pelo pae ou pelo noivo ou por qualquer pessoa da familia d’ella.

[2]Assim deliberei matal-a bem como suicidar-me pois deste modo pouparei alguns momentos de verdadeira tortura para ella pela vergonha deante da família bem como da minha, <CONFIRMAÇÃO>pois só não dei somisso de minha vida a mais tempo procurando um meio para evitar essa vergonha e desgraça que me faz andar com a consciência envergonhada de meu acto tão infame que nem sei explicar como assim procedi pois longos anos tenho trabalhado no Comercio em grandes casas onde o numero de moças são grandes e nunca tentei abusar com nenhuma d’ellas, e ellas poderão attestar esta verdade assim como os proprios chefes destas como sejam Capital e Pasa Royal bem como outras mais, nem mesmo com as casadas, viúvas e outras mais.

[3]Infelizmente este meu amôr foi fruto unicamente das factalidades dos proprios paes apesar que eu fui um infame pois era amigo do proprio pae, mas são cousas da vida que eu mesmo perguntei algumas vezes a ella, **querida como foi que tu criastes amizade a um velho como eu?** [4]E a resposta era, **o amôr meu velho não escolhe idade nem tão pouco beleza!!!....**

A tu mim não pode (linha ilegível)

[5]Zélia era de um genio alegre e muito brincalhona com todos e bem prestativa, e assim ajudava-me em trabalhos da loja que eu levava para minha casa, e então eu e minha senhora por ella andar não só me ajudando como por ella ser agarrada com minha senhora dava-mos sempre pequenas lembranças de pouco valôr, como sejam sabonetes escovas brilhantinas, e algumas vezes cortes de vestidos barato assim como joias, pois ella alem de lavar tanques de roupas e ser uma especie de negrinha da casa dos paes nem isto mesmo lhe davam e d’ahi começou haver ciumada da parte das irmãs.

[6]Um ponto importante, quando Zélia foi prohibida de entrar em minha ^{casa} pela primeira vez e o pae querendo arrancar alguma cousa exigiu a confissão d’ella com um revolver no ouvido, mas nada ficou apurado pois no momento nada existia e se houvesse ella teria confessado pois ella tinha pavor em ver um revolver.

[7]Das ciumadas passaram a haver ditos por parte de pessoas da própria familia d’ella, que circularam pelos parentes d’ellas e meus resultando que ella ficou prohibida de entrar em minha casa, para mais tarde o próprio pae dizer que não deveria eu ligar importancia ao passado porque elle proprio verificara ser intrigas por parentes, porém a mãe d’ella criou-me um ódio que apesar de sempre falar risonha comigo, não deixava de me defamar com as pessoas de relação d’ella e dos meus, não refletindo que com isto resultava a difamação da propria filha d’ella, e isto todos poderão affirmar, sendo que commigo os paes conversavam e nada me falavam porem ella soffreu tudo bofetadas, pontapés e insultos que nem uma vagabunda aceitaria, e dahi resultava os queixumes d’ella e o desejo de suicidar-se e que eu com minha mulher aconsenhava-mos ella a desistir, virando d’ahi as lamentações e a minha declaração de paixão por ella em 31 de dezembro de 1931 tornando-se ella minha amasia a 12 de agosto de 1932 vivendo até 24 de novembro ¹⁹³³ em dois encontros noturnos todas as noites, sendo que nesta data fomos descobertos no lugar de nossos encontros.

<PERORAÇÃO> [8]De tudo isto o que mais remorsos eu levo é do meu baixo proceder que tive com minha mulher pois até o ultimo momento ella foi illudida na boa fé não só por minha como pela infeliz coitada, mas de tudo isso te peço perdão não só pelo meu proceder como pelo della, pois de tudo sou eu o responsável, mas o que quer depois de ter cometido o delicto tentei algumas vezes esquecer-me d’ella, mas sentia ser

impossível não só pelas saudades bem como na minha consciencia eu repudiava deixal-a assim infelicitada, e mesmo porque ella implorava-me também não abandonal-a pois ella então era louca de amor por mim.

[9]Assim a tu querida mulher exemplar peço-te perdão e que nossos filhos te ampare assim como a nossa Jandyra e que Deus te proteja e que dê um destino melhor a ella do que esta infeliz, e que meus filhos fujam sempre das facilidades com mulheres que resultam sempre a desgraça.

<FECHAMENTO> [10]Aos amigos me desculpem qualquer falta bem como aos parentes.

[11]Ao meu velho pae me perdôe eu mancho o nome de nossa familia, e de passar por mais este desgosto no fim de sua vida.

[12]Perdoae senhor aquelles que erram e que na hora da morte ainda se lembram de vós, ainda mais que eu sou um duplo pecador por alem de me matar ainda tirei a vida de um coração jovial que me amou durante 2 anos.

[13]Horacio Vianna

[14]Rio 29/11/933

Documento 2 (T3B), folha 19

<ABERTURA>

<EXÓRDIO>

<NARRAÇÃO/CORPO DA ARGUMENTAÇÃO> [1]Pagarais a ingratidão com a tua vida

[2]Declaro que faço essa declaração unicamente para que ninguem suponha que eu a mato seja para que ella não se case, ou porque eu queira mas qualquer cousa do que já conquistei.

<CONFIRMAÇÃO>[3]Por ella cazar-se não é, pois tudo estava combinado que continuaríamos a nos querer bem e ella jurou me que tudo faria para estar commigo em um certo logar.

[4]Para provar que não é difamação de que deshonraria, dou as seguintes provas.

[5]De que existe na parede do lado de fora da privada duas cavidades onde eu pouzava os pés quando subia e só poderia subir com o auxilio d'ella conforme o irmão Pedro viu e deu o alarme chamando o Waldemar que mandando ella abrir a porta me encontrou d'etraz da bacia de banho, e a prova do defloramento o exame pericial attestará assim como poderá affirmar de que não foi um encontro único e obrigado pois tivemos mais de 200 relações.

[6]Nada d'isto eu declararia se não fosse a ingratidão que ella me está fazendo não só de não me fallar como não ligando attenção a nenhum de meus sinaes d'esde o dia 26 de Novembro, e assim tenho lutado para ver se conseguia fallar ainda para resolver como iríamos viver.

[7]Porém com o desprezo completo d'ella resolvi matala d'esde o dia 29, já dei algumas investidas mas faltava-me coragem para matar aquela a quem fui louco e cego de amor, como também pensando a triste situação em que iha deixar minha Maria coitada em que o destino quiz dar uma sorte são infeliz.

<PERORAÇÃO>[8]Assim ando alucinado cometendo o que minha consciência sempre fugiu, trepando por muros, telhados e janelas para para ver esta ingrata que procura só agora fugir de meus olhares.

<FECHAMENTO>

[9]Horácio

4/12/933

a) A esquematização discursiva como ponto de partida

Iniciam-se as considerações a respeito de T3A e T3B por suas esquematizações discursivas, conforme modelo de Adam (2010), traçando parâmetros da situação sociodiscursiva, condições de recepção e condições de produção. A princípio, destaca-se o regime de materialidade dos documentos, duas situações de produção distintas, sendo duas cartas escritas à mão no início da década de 1930 e anexas ao auto de inquérito de suicídio de Horácio Vianna. Na projeção dos termos da esquematização discursiva dos documentos, está expresso um mesmo tipo de situação sociodiscursiva de produção para as duas cartas ligado à

intenção do enunciador em deixar uma mensagem escrita com os motivos e/ou intenções da escolha pelo homicídio e morte autoinfligida. Nos dois casos, as diferenças quanto à situação de produção instauram-se em torno da nova tese e dos acordos que a fundamentam, assim como será descrito nos tópicos seguintes para esta análise.

No mesmo sentido, as intenções de produção se direcionam à tentativa de exposição do ponto de vista do orador nas duas situações de produção. Em T3B, em razão de ser a ingratidão a causa para o homicídio da amante e, em T3A, pode ser o homicídio seguido de suicídio uma forma de livrar-se da vergonha e dos tormentos causados pela desonra de si e do nome da família. Trata-se de uma crença que, pelo regime exposto por Agrest (2010), pode aparecer ligada à autocobrança, ou à inquietude com a desonra da família, remetendo a tratar-se de uma preocupação ou conceito social mais arraigado no período de produção dos documentos, década de 1930, profundamente marcada por valores patriarcais. O documento mostra também uma referência à paixão amorosa e ao sentimento de abandono, sendo estes atrelados à desonra, à vergonha e à própria morte como escapismo do que seria uma tortura.

As condições de recepção encontram-se ligadas a um auditório conservador, contra as condutas do orador, mas que não aparece explicitamente nos documentos como coenunciador. O orador expõe seu ponto de vista de forma generalizada, com muitas citações de familiares, de amigos, da esposa, dos familiares da amante, mas apontando-os como envolvidos na decisão do suicídio. Esse direcionamento também aparece na imagem de si exposta junto à preocupação em livrar-se da desonra, ao arrependimento mostrado e gerado pela condição deixada à esposa, à citação do pai no fechamento, como também à referência religiosa e à autocondenação em “[12]Perdoae senhor aquelles que erram e que na hora da morte ainda se lembram de vós, ainda mais que eu sou um duplo pecador por alem de me matar ainda tirei a vida de um coração jovial que me amou durante 2 anos”.

b) Um plano argumentativo guiado pelo resgate da honra e sentimento de ingratidão

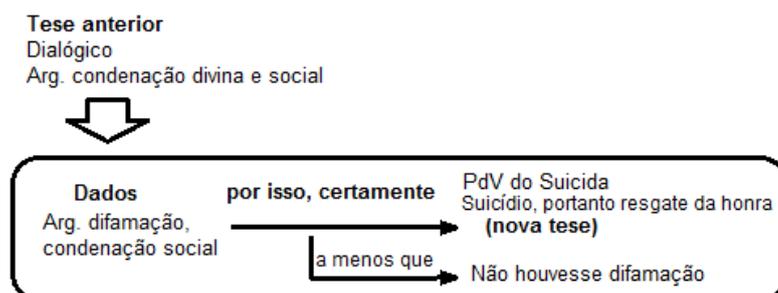
Essas duas cartas apresentam um plano de texto melhor delineado e traçado segundo o objetivo discursivo visado, declarar os motivos para o ato suicida, aspecto também observado pela utilização de conectivos variados. Nesse sentido, visualiza-se uma estrutura composicional de dominância argumentativa quanto à sequencialidade e também apresentando um plano de texto fixo. O plano de texto assemelha-se prototipicamente ao da carta pessoal, gênero epistolar, sendo, portanto, um plano fixo ou convencional, assim como nas descrições realizadas pelas marcações da narração, confirmação, peroração e fechamento.

Apesar da recorrência dos elementos do plano argumentativo epistolar, em ambas as cartas não há apresentação da seção de abertura com o vocativo marcado. A falta de delineamento do exórdio também é uma característica dos dois documentos, distanciando a formação da figura do *ethos* inicial e, conseqüentemente, sua função fática, de interlocução, indo direto ao assunto. Ambos os discursos iniciam com a narração ou corpo argumentativo e, dessa forma, assumem um direcionamento a um auditório universal, o que, ao mesmo tempo, indica um caráter deliberativo, ou seja, próprio do gênero deliberativo, em que o auditório já conhece o teor do discurso.

Em T3A, o discurso é iniciado pela narração ou corpo da argumentação, trazendo como motivo de interlocução a declaração/afirmação da morte voluntária e do homicídio. A confirmação inicia-se com a retomada da tese de “suicídio precedido de homicídio, portanto resgate da honra”, seguida dos dados que reforçam essa tese de [2] a [7]. A peroração em [8] e [9], ao trazer o desconforto em relação à traição à esposa, descrita como exemplo de índole, reforça o discurso em dois lados, em primeiro lugar pela mobilização das paixões do auditório em função da adesão à tese e, em segundo, pela marcação da imagem de *ethos*, aquele que reconhece o “mau proceder” em relação à família. No fechamento, destacam-se os pedidos de desculpas, perdão e fecho com reconhecimento de culpa, seguido da assinatura, local e data.

Em T3B, tem-se, assim como em T3A, a proposição “Pagarais a ingratidão com a tua vida”, que corresponde, na sequência argumentativa, à nova tese e apresenta uma força ilocucionária declarativa, seguida do verbo performativo “declarar”, sem determinar um destinatário para o discurso. Junto ao performativo “declarar”, tem-se o início da narração e a apresentação do corpo argumentativo com os dados relativos à tese de “ingratidão, portanto, homicídio” em [2]. Em seguida, aparece a confirmação dos dados, parte mais longa contendo um conjunto de provas. A confirmação tem ênfase no *logos*, gerando credibilidade à nova tese [3] e também recorrendo sobre o *pathos*, gerando piedade e indignação sobre os dados. A peroração, ou término do discurso, ocorre por mobilização da paixão ou indignação do auditório em razão da tese de “ingratidão, portanto suicídio”. Por fim, o fechamento traz a assinatura e a data.

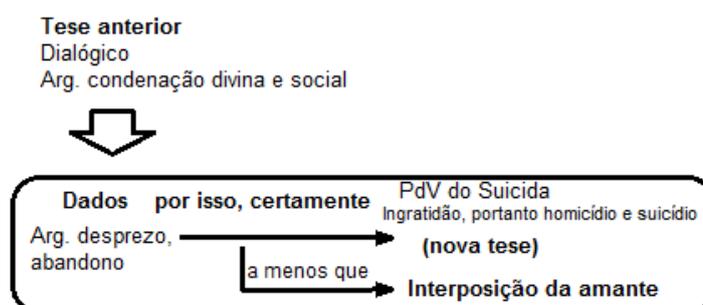
No regime da sequencialidade argumentativa dominante, traça-se a seguinte corporalidade da apresentação dos argumentos para T3A:



Esquema T3A: resumo da sequencialidade argumentativa

Nesse documento, a marcação da tese anterior aparece junto à ideia de condenação divina e social em “[12]Perdoae senhor aquelles que erram e que na hora da morte ainda se lembram de vós, ainda mais que eu sou um duplo pecador por alem de me matar ainda tirei a vida de um coração jovial que me amou durante 2 anos”, junto à peroração, reforçando o sentido da nova tese de resgate da honra. Essa tese anterior, que também direciona a imagem de si do autor discursivo, pode ser visualizada na figura do homem casado e mais velho que se vê condenado divina e socialmente pela relação extraconjugal com sua ex-empregada. Os dados que direcionam a nova tese são estabelecidos em torno da ideia de difamação das vítimas e da proposição de imagem de si no sentido de confortador, libertador da tortura e da vergonha. As inferências ficam em torno de a difamação pelo adultério e o sexo sem casamento serem condutas que geram desonra, principalmente à mulher. A morte evitaria a vergonha diante da família, assim como o sentimento de culpa seria o motivo do homicídio seguido de suicídio. Em T3A, a restrição ficaria por conta da difamação (do ocorrido tornar-se de conhecimento público), pois, se ela não tivesse acontecido ou não houvesse motivo de difamação, o homicídio e o suicídio não seriam necessários.

No esquema argumentativo de T3B, tem-se, como dito, o direcionamento da tese de suicídio junto à tese de resgate da honra.



Esquema T3B: resumo da sequencialidade argumentativa

Ao iniciar o documento com “[1] Pagarais a ingratidão com a tua vida”, o orador expõe logo de início a nova tese e a intenção principal do discurso em demonstrar os motivos para o homicídio. Em T3B, os dados que orientaram a nova tese de “ingratidão, portanto homicídio seguido de suicídio”, são apresentados em função da tese anterior marcada em seguida, “faço essa declaração unicamente para que ninguém suponha que eu a mato seja para que ella não se case, ou porque eu queira mas qualquer cousa do que já conquistei” em [2], gerando polifonia em função da utilização do “**não**”, assim como em T1, em um nível dialógico como apresenta Adam (2008), ou seja, a argumentação é negociada com um contra-argumentador. Os dados que levarão à nova tese são apresentados em função da tese de ingratidão, desprezo, abandono, gerando como inferência que o homicídio e suicídio seriam formas de resgate da honra. Essa ideia é validada pelos dados presentes em T3A, anterior a T3B, em que se tem a tese de “homicídio seguido de suicídio, portanto resgate da honra”. A restrição é estabelecida implicitamente em torno da ideia de interposição da amante, ou seja, ao menos que a amante mostre-se grata ao empenho do orador em confortá-la.

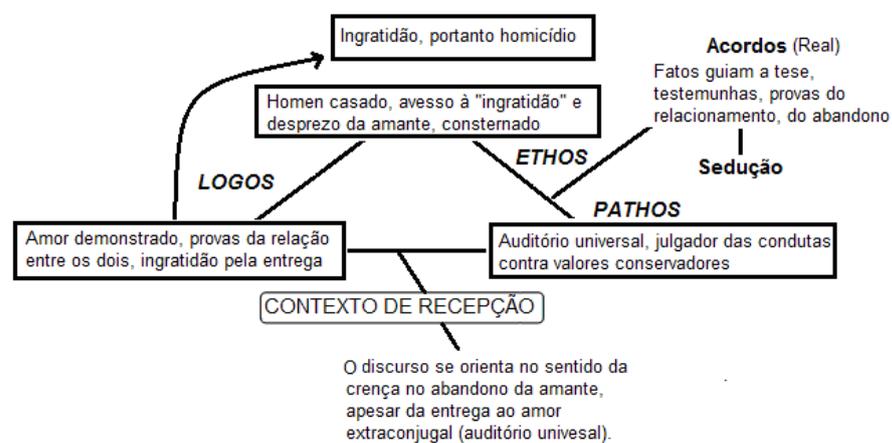
Um fator a ser destacado fica por conta da alteração de ordem e anexação no auto criminal. A leitura linear dos documentos, ou seja, de T3A seguido de T3B, permite identificar uma mudança de posicionamento da tese em que, no primeiro caso, estaria atrelada ao resgate da honra e no segundo, à ingratidão. Observa-se, portanto, uma mudança de ponto de vista do orador nos dois discursos, tendo em vista a relação mantida com a amante que em T3B é indicada como ingrata, vislumbrando que ela não concordaria com o PdV do orador em T3A, justificando o PdV assumido em T3B. Essa informação poderia ser validada se junto à análise fossem incorporadas partes do auto criminal do qual os documentos fazem parte, como depoimentos, ou a própria conclusão do inquérito.

c) Dados do sistema retórico na projeção *ethos*, *pathos* e *logos*

Um primeiro apontamento possível a se fazer em relação ao sistema retórico nos dois documentos seria quanto à caracterização de acordo com os gêneros judiciário ou *forense*, deliberativo e epidíctico e, em contrapartida, em função do tipo de auditório, pensando-se na classificação de Aristóteles. Uma vez que se entende que essa classificação não foi pensada em relação a esse gênero discursivo, toma-se esta novamente apenas como uma tentativa de descrição segundo o tipo de auditório que cada qual prevê em seus princípios mais elementares e que podem contribuir substancialmente à descrição do *corpus*. Nesse sentido, os documentos poderiam ser investigados, assim como se expôs nos fundamentos, em três

direções: segundo as intenções e posicionamento argumentativo do orador; o ato de acusação ou defesa (judiciário - juízes) e de aconselhamento ou desaconselhamento (deliberativo - assembleia); e o de censura ou louvor (epidíctico - espectador). Pode-se, com base nessa retomada, direcionar os documentos mais uma vez, assim como em outras análises da tese, no sentido de maior similaridade com o gênero judiciário, à medida que o orador, assim como nos anteriores, expõe os argumentos como se estivesse diante de um juiz (auditório) em uma defesa, uma vez que aquele entende haver uma recusa do auditório em relação aos atos cometidos e que o suicídio seria uma forma de resgatar a honra. O tempo dos fatos também é uma característica que remete ao tipo gênero judiciário; são dados passados que o orador espera esclarecer. Como já apresentado anteriormente, as características relativas ao deliberativo aparecem mais em função dos aspectos composicionais.

No que se refere aos acordos, em T3B os dados se projetam em direção aos acordos com o real, tendo em vista um auditório universal. No documento, as premissas que guiam a tese ficam em torno de fatos (presumidos), as provas, as testemunhas e a forma de assegurar o “defloramento” e a quantidade de relações sexuais. Pode-se visualizar parte dessas afirmações no esquema abaixo:

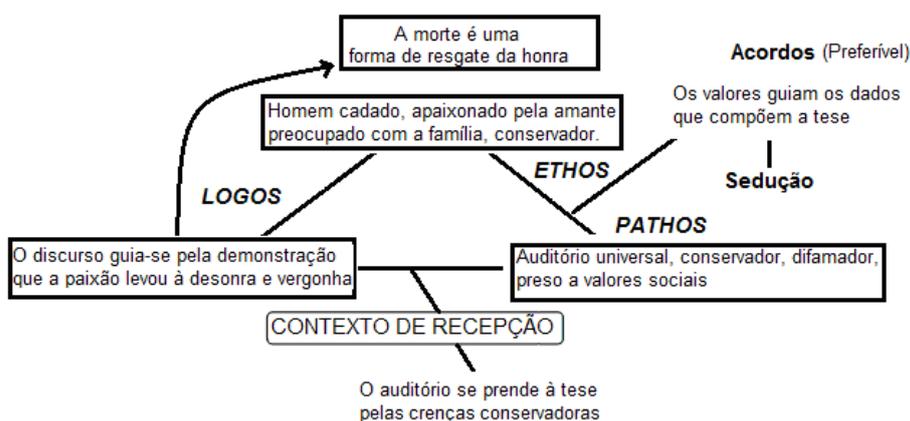


Esquema Retórico T3B

Pelo esquema de T3B, observa-se uma imagem de *ethos* relacionada à figura de um homem casado, contrário à ingratidão e ao abandono pela amante após terem sido descobertos. O discurso se orienta a um auditório universal e não à pessoa por quem o orador está apaixonado. A imagem desse auditório é apresentada na função de julgador das condutas e das próprias crenças do orador explicitadas em “[2]Declaro que faço essa declaração unicamente para que ninguém suponha que eu a mato seja para que ella não se case, ou

porque eu queira mas qualquer coisa do que já conquistei”. O contexto de recepção fica atrelado ao sentido do abandono, de demonstrar o abandono da amante e à imagem de um orador consternado, transtornado.

Em T3A, os acordos são orientados principalmente pelo preferível, centrados em valores que guiam os dados apresentados no limite da narração dos acontecimentos que levaram à paixão extraconjugal e à necessidade de livrar a amante e a si próprio da vergonha, desonra e tortura causada pela difamação, PdV do orador. Esses valores marcam também uma hierarquia, a superioridade da desonra sobre o suicídio e o homicídio, por exemplo, estas últimas atitudes condenáveis, mas inferiores à vergonha e à desonra. Nesse sentido, a morte seria para o orador a maneira de livrar-se e livrar a amante da vergonha da exposição do adultério e do amor extraconjugal, como aparece em “[2] Assim deliberei matá-la bem como suicidar-me pois deste modo pouparei alguns momentos de verdadeira tortura para ella pela vergonha deante da família bem como da minha”. Note-se tratar de um valor o dado principal que guia a tese em T3A, a desonra causada pela repercussão da relação extraconjugal é o dado mais recorrente, assim como o sentimento de culpa, a preocupação com o nome da família e a condição da esposa e filhos. No contexto de recepção tem-se um auditório universal, com uma imagem de *pathos* conservadora, inserida em valores ligados à família, não tolerante à conduta exposta pelo orador.



Esquema Retórico T3A

d) Os tipos de argumentos e o direcionamento do *ethos* pela figura da pessoa e seus atos

No que se refere aos tipos de argumentos, nos documentos, a escolha dos dados que direcionarão a tese parte dos tipos de argumentos baseados na estrutura do real, ou seja, a argumentação é dirigida a um auditório universal por proposições que guiam objetivamente a

tese (fatos, verdades ou presunções). Com base nessa observação, parte-se primeiramente para a projeção dos fatos junto à noção da pessoa e seus atos, argumento de coexistência, centrado na figura proposta pelo orador. No texto, a maneira como o orador constrói sua imagem é objeto de um acordo com o auditório em função do exemplo de si ao optar pela morte voluntária, antecedida do homicídio da amante, direcionado como uma maneira de livrar-se da desonra, influência de uma concepção patriarcal de sujeito, visível em T3A em “[2]Assim deliberei matal-a bem como suicidar-me pois deste modo pouparei alguns momentos de verdadeira tortura para ella pela vergonha deante da família bem como da minha”. Uma acepção próxima é encontrada em T3A com as narrações/testemunhos em [3], [5] e [8], esta última com a inserção da preocupação com o futuro da mulher e a culpa pela conduta adúltera, cativando e direcionando o contexto de recepção do discurso com a imagem de *ethos* ligada a valores conservadores, de boa índole e preocupação com a família, passível de ser perdoado na medida em que se prontifica a morrer por seus erros (*eunoia*).

As condutas pessoais apresentadas como fatos também direcionam essa imagem, como no final de [2] “[...] longos anos tenho trabalhado no Comercio em grandes casas onde o numero de moças são grandes e nunca tentei abusar com nenhuma d’ellas, e ellas poderão attestar esta verdade assim como os proprios chefes destas como sejam Capital e Pasa Royal bem como outras mais, nem mesmo com as casadas, viúvas e outras mais”. Como se apresentou entre os fundamentos, mais uma vez tem-se uma argumentação em que a figura do orador é construída por intermédio da utilização de uma voz que encena uma trajetória moral e de idealização da família. Juntamente à noção da pessoa e seus atos, instauram-se nesses limites os argumentos de autoridade em que o discurso se direciona a um determinado estereótipo, no caso em análise do homem que busca demonstrar ainda possuir valores e preocupações com familiares ou com próprio nome da família (“[11] Ao meu velho pae me perdôe eu mancho o nome de nossa familia, e de passar por mais este desgosto no fim de sua vida”).

Outra utilização de argumentos em destaque fica por conta dos argumentos que fundamentam a estrutura do real, nesse caso tem-se a utilização da técnica do fundamento pelo caso particular com a utilização de argumentação pelo modelo e pelo antimodelo. Por exemplo, em [9] tem-se o modelo consagrado de mãe (mulher exemplar): “[9]Assim a tu querida mulher exemplar peço-te perdão e que nossos filhos te ampare assim como a nossa Jandyra e que Deus te proteja e que dê um destino melhor a ella do que esta infeliz, e que meus filhos fujam sempre das facilidades com mulheres que resultam sempre a desgraça”. Seu próprio modelo é apresentado como argumento (antimodelo) em “[8]De tudo isto o que

mais remorsos eu levo é do **meu baixo proceder** que tive com minha mulher pois até o ultimo momento ella foi illudida na bôa fé não só por minha como pela infeliz coitada, mas de tudo isso te peço perdão não só pelo meu proceder como pelo della, pois **de tudo sou eu o responsável**”, articulado como uma conduta a ser seguida pelos filhos frente às mulheres em [9]“[...]que meus filhos fujam sempre das facilidades com mulheres que resultam sempre a desgraça”. Nesses limites, o emprego do modelo é um dos direcionamentos empregados pelo orador, não em razão direta à tese, mas por sua contribuição à imagem de *ethos*, na medida em que reconhece a esposa como um modelo digno de imitação e cita as próprias condutas em vida como modelos a serem abandonados.

e) Escolhas linguísticas, conectores e marcadores argumentativos e atos de discurso

Uma marca em destaque nos dois documentos fica por conta das escolhas linguísticas variadas realizadas e da utilização dos elementos coesivos (conectores e marcadores argumentativos), vislumbrando dois discursos não improvisados ou, pelo menos, indicando certo requinte linguístico do orador. Antes, porém, de apurar o emprego dessas escolhas, é importante traçar os aspectos concernentes aos marcadores de responsabilidade enunciativa, ou PdV do enunciador. Na maior parte dos documentos, o orador expõe sua voz em razão da descrição dos motivos e dados para a proposição argumentativa de homicídio seguido de suicídio, motivada pelo amor “[1]uma verdadeira loucura motivada por uma paixão louca e cega por esta pobre e infeliz Zélia”.

Em T3A, há uma marca de polifonia com a exteriorização em partes de uma sequência dialogal da voz da amante em função da validação da correspondência amorosa, assinalada em negrito em “[3]Infelizmente este meu amôr foi fruto unicamente das factalidades dos proprios paes apesar que eu fui um infame pois era amigo do proprio pae, mas são cousas da vida que eu mesmo perguntei algumas vezes a ella, **querida como foi que tu criastes amizade a um velho como eu?** [4]E a resposta era, **o amôr meu velho não escolhe idade nem tão pouco beleza!!!....**”. Outra marca de polifonia que presentifica a voz de interlocutor nesse discurso aparece em T3B junto à negação. Essa marca é expressa como contra-argumento em razão do suposto ponto de vista do auditório em relação ao casamento da amante e ao fato de o orador querer outro tipo de correspondência. “Declaro que faço essa declaração unicamente para que **ninguem suponha** que eu a mato seja para que ella **não se case**, ou porque eu queira mas qualquer cousa do que já conquistei”. Trata-se também de um traço de representação discursiva, ou sentido a ser atribuído aos enunciados entre as condições

de recepção do discurso. Essa polifonia expressa uma marca de interlocução e condiciona o discurso ao que deve ser interpretado em função da tese principal e dos motivos para a morte autoinfligida. A figura de interlocução é acionada, neste caso, com a utilização do pronome indefinido ninguém, direcionando um auditório universal.

Pela estrutura dos atos de discurso, o primeiro movimento em T3B segue por uma função assertiva/constativa e também condenativa sobre a afirmação “[1]Pagarais a ingratidão com a tua vida”, seguida de um ato declarativo pelo verbo performativo declarar “[2]Declaro que faço essa declaração unicamente para que ninguém suponha que eu a mato seja para que ella não se case, ou porque eu queira mas qualquer cousa do que já conquistei”. De um ponto de vista geral, pode-se afirmar que nos dois textos, observando a estrutura de atos ligados entre si, há o predomínio de enunciados assertivos/constativos com a principal função de exprimir as motivações para o discurso com base em declarações e ao compartilhar de crenças, principalmente pela asserção narrativa, descritiva e argumentativa. As asserções narrativas e descritivas estão presentes em T3B principalmente em [5] e em T3A no decorrer de todo o documento, em [1] com a descrição da difamação pela própria família da amante, em [5] por relatos da personalidade de Zélia e do detalhamento de como a relação entre os dois foi se consolidando em paixão. Destaca-se o papel dessas asserções, como compartilhar crenças do orador e exprimir sua imagem de *ethos*, seduzindo o auditório e o induzindo ao sentimento de compaixão, provocando o abrandamento do sentido do ato homicida e suicida e o perdão em razão da admissão de culpa, por estar pagando com a própria vida pelo “mau proceder”.

Quanto aos conectores e marcadores argumentativos, o destaque fica por conta de seu emprego variado, assim como pela escolha de vocabulário e a visível adequação à linguagem culta e à pontuação. Nesse sentido, mesmo se visualizando no documento uma riqueza na análise desses aspectos, por exemplo, centrada em valores funcionais, atenta-se à questão argumentativa pelo sistema retórico clássico. Como se destacou no item relativo à análise pelo plano retórico em relação à disposição, tanto em T3A quanto em T3B o orador parte da narração, ou corpo da argumentação, também denominado demonstração.

Nesses limites, a argumentação demonstra prevalecer estruturada tanto no polo do *logos* como na apresentação/comprovação da nova tese em T3B: “[3]Por ella cazar-se não é, **pois** tudo estava combinado que continuaríamos a nos querer bem”, assim como também pelo uso de conjunções condicionais com intensificador (não só, como não) como em [6] “Nada d’isto eu declararia **se** não fosse a ingratidão que ella me está fazendo **não só** de não me fallar **como não** ligando atenção a nenhum de meus sinaes d’esde o dia 26 de Novembro”. Outros

movimentos argumentativos são marcados com conectivos adversativos e aditivos: “porém, mas, como também” em [7]**Porém** com o desprezo completo d’ella resolvi mata-la d’esde o dia 29, já dei algumas investidas **mas** faltava-me coragem para matar aquela a quem fui louco e cego de amor, **como também** pensando a triste situação em que iha deixar minha Maria coitada em que o destino quiz dar uma sorte tão infeliz”. Também aparecem os conectivos conclusivos, como em “[8]**Assim** ando alucinado cometendo o que minha consciência sempre fugiu”, direcionando o ponto de vista do enunciador e somando-se aos outros argumentos.

Em T3A a variedade de conectores e marcadores argumentativos é ainda maior, em que se visualiza um discurso assinalado por uma espécie de narração/testemunho de fatos a partir de um raciocínio por proposições causais, conclusivas e consecutivas e alternativas, como em [1 “[...]pagou injustamente com a vida, **pois** eu só a mato por saber que a própria mãe está espalhando a difamação de sua propria filha commigo, **em lugar d’ella** procurar abafar para evitar chegar ao conhecimento **não só** do próprio pae como do Julio, **pois** sendo elles conhecedores **só** poderá resultar o escândalo **bem como** a desgraça **não só** da própria filha ser assassinada e eu também **ou pelo** pae **ou pelo** noivo **ou por** qualquer pessoa da familia d’ella”.

Outro destaque à argumentação em T3A e T3B pode ser estabelecido em relação aos índices referenciais relativos à apresentação da amante nos dois documentos. Nessa acepção, visualizam-se em T3A marcações referenciais da amante como seu nome próprio “Zélia”, “querida”, “um coração tão jovial” e que em T3B, devido ao afastamento da amante e, conseqüentemente, a busca pelo distanciamento da tese inicial em função da tese de “ingratidão, portanto homicídio”, sua referência passa a ser realizada anaforicamente por “ella”, “aquela a quem fui louco e cego de amor” e “ingrata”, indicando mudança de PdV em relação à amante em contraste com T3A, anterior à T3B.

Além dessas marcas que indicam certo requinte nas escolhas das proposições-enunciados, indicam-se também marcas de reescritura/releitura dos documentos, apontando para a adequação do texto em função da situação sociodiscursiva. Em T3A, assinalam-se correções posteriores, adições como “casa” em “[6]Um ponto importante, quando Zélia foi proibida de entrar em minha ^{casa} pela primeira vez e o pae querendo arrancar alguma coisa exigiu a confissão[...]

” e “1933” em [7] “[...] virando d’ahi as lamentações e a minha declaração de paixão por ella em 31 de dezembro de 1931 tornando-se ella minha amasia a 12 de agosto de 1932 vivendo até 24 de novembro ¹⁹³³ em dois encontros noturnos todas as noites [...]”. Os acréscimos se explicam pela intenção de trazer um discurso adequado, que

não cause dúvidas, pensando em atender à intenção de adesão do auditório à tese, ou seja, o suicídio como um ato pensado e repensado.

4 Retomando algumas questões pontuais

A análise de T3A e T3B permitiu identificar alguns pontos importantes a respeito do texto do suicida. Primeiramente em direção ao conteúdo das proposições. Trata-se dos fatos ocorridos que desencadearam a opção pela morte voluntária, uma abertura do discurso aos esclarecimentos e exposição do PdV do enunciador com a intenção principal de justificar seus atos e estabelecer uma tentativa de provocar adesão ao seu ponto de vista. O meio empregado para exteriorizar a palavra e materializar o discurso foi a carta pessoal, dirigida a um auditório generalizado, demonstrando traços de uma argumentação estruturada, com riqueza de detalhes e, principalmente, traços que permitiram identificar uma imagem de si desse enunciador presa a crenças, usos e costumes conservadores.

Nesse contexto, que valor teria a vida para esse enunciador? A vida seria uma espécie de prisão, fruto de tortura proporcionada pela vergonha das condutas expostas e tornadas públicas e pela desonra cometida que se tornou desgraça e motivo de desgosto a toda a família. A vida também seria uma forma de lembrança da ingratidão em relação à entrega a um amor, que nos últimos instantes da produção do discurso tornou-se um sentimento penoso, por motivo de falta ou desonra. O *ethos* do suicida é construído no *logos*, pela convicção de suas ações, ou seja, na *phronesis*, mostrando-se ponderado, sensato e munido de provas.

Nessa análise é possível traçar alguns fatores que estão correlacionados aos outros documentos que fizeram parte da pesquisa e que servem à caracterização geral dos documentos produzidos por suicidas. Em primeiro lugar, é importante destacar as similaridades com relação à conduta conservadora entre T3A e T3B. Observa-se, nesses limites, que a proposição dos argumentos se sustenta com base em crenças, posições político-filosóficas, usos e costumes, por exemplo, certo respeito devido à mulher e à família, preocupação com um modelo familiar e com a filantropia, próprio da cultura ocidental. Também nos dois casos, esses valores contribuem para a construção da imagem de *ethos* dos oradores com função principal de persuasão e para provocar a adesão do auditório aos PdVs defendidos. O mesmo ocorre no sentido dos acordos empregados com o auditório, pois a orientação dos argumentos com o real nas proposições argumentativas (fatos, verdades e presunções) tem um maior alcance no apoio das teses.

Com base nessas e nas outras análises da tese, observa-se que o suicídio é um ato que preocupa pela quantidade de pessoas que recorrem ao ato e precisamente por não haver uma idade precisa, nem classe social que se isente. A busca por informações ou esclarecimentos a respeito dessa conduta indica como são variadas as razões ou o quanto são imprecisas as tentativas de identificação desses indivíduos antes que cometam o ato. Deixar ou não deixar algo escrito parece ser também uma incógnita em meio a tantas outras que aparecem junto à prática suicida. O estudo aqui defendido indica parte de atitudes, valores e crenças que são admitidas por alguns sujeitos que, ao optarem pela morte voluntária, optam por deixar uma última mensagem escrita, sobretudo com o objetivo de apontar o tipo de ação que desencadeou um processo e interrompeu a normalidade ou trajetória de vida desses sujeitos. Uma desestabilização que aponta para a perda do sentido da vida, medo ou cansaço de viver, fragilidade, perdas profissionais, financeiras e, principalmente, afetivas, ou simplesmente por acreditarem no suicídio como uma única saída ou ponte para um “lugar” melhor.

Enfrentar desafios existenciais bem como estar frente a decisões em todos os momentos é um aspecto próprio do ser humano. É uma conduta diária que precisa ser transposta todos os dias nas mais diferentes ações, importantes ou triviais. Desde o início das pesquisas sobre as composições de suicidas, discutiu-se muito em relação a esses aspectos, principalmente com a formulação de hipóteses a respeito de quem seria esse eu suicida e como seria seu discurso. O suicídio e uma convicção de libertação apareceram relacionados, desse modo, querer paz ou libertar-se foi uma tese principal. Retomando o que discute Agrest (2010), é verdade que crenças fundadas ou infundadas estão no centro das causas da escolha pela morte voluntária.

O presente artigo talvez tenha contribuído para responder algumas das perguntas que são feitas diariamente por muitas pessoas. O que pensa? No que crê? O que escreve o suicida? A validação de informações bem como uma caracterização dessas produções revelou, em um resumo de observações das análises deste e dos outros documentos, um tipo de texto que apresenta o ponto de vista de sujeitos que estão em vias de cometer suicídio. Esse aspecto conduz as teses defendidas pelos suicidas a um discurso ora baseado no êxito da ação suicida como um novo estágio, na maior parte dos casos, mais próximo a um ideal divino, perfeito, sublime, ora simplesmente em um fim imputado pelo destino e pela visão da impossibilidade de lidar com os desafios.

Referências

ADAM, J. M. HEIDMANN, U.; MAINGUENEAU, D. **Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Eléments de linguistique textuelle**. Mardaga: Bruxelles-Liège, 1990.

_____. **Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gaulle em junho de 1940**. In: AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p.93-117.

_____. **Une approche textuelle de l'argumentation: "schéma", séquence et phrase périodique**. In: DOURY M, MOIRAND S (eds.) **L'Argumentation aujourd'hui**. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, pp.77-102, 2004.

_____. BONHOMME. **L'argumentation publicitaire**. Paris: Armand Colin, 2010.

_____. **Les textes: types e prototypes, récit, description, argumentation, explication, et dialogue**. Paris: Nathan, 1997.

_____. **Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes**. Paris: Nathan, 1999.

_____. BONHOMME. **L'argumentation publicitaire**. Paris: Armand Colin, 2010.

AGREST, D. C. **Por mano propia: estudio sobre las prácticas suicidas**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

ARISTOTELES. **Retórica**. São Paulo: Edipro, 2011.

BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Baurú: Edusc, 2003.

_____. **A manipulação da palavra**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. **Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

COSTA, I. B. A retórica como ferramenta de leitura. **Revista de Letras**. Ano13, n.11, dez. 2009, p.51-64.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006.

_____. **Ethos, cenografia, incorporação**. In: AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p.69-92.

_____. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R. e SALGADO, L. ***Ethos discursivo***. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p.11-29.

PERELMAN, C. TYTECA, L. O. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Data de recebimento: 30 de abril de 2013.

Data de aceite: 12 de julho de 2013.